

PROGRAMA

Durante vistoria de obras de urbanização e construção de casas populares na capital mineira, ministra comete ato falho eleitoral

Dilma faz “comício” do PAC em Belo Horizonte

ALESSANDRA MELLO
DO ESTADO DE MINAS

Apesar de o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ter se esforçado por demonstrar ontem, em Belo Horizonte, que não usa o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) para fazer campanha eleitoral, a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, que o acompanhou durante a visita à capital, se traiu durante o discurso e, no palanque, classificou como comício o ato de que participava. “Quero agradecer a presença das mulheres que, sem dúvida nenhuma, animam este comício”, afirmou, logo nas saudações iniciais.

Acompanhado da ministra e de outros integrantes do governo, Lula vistoriou as obras de urbanização e construção de casas populares para os moradores da Vila São José, na Região Noroeste de Belo Horizonte. Em palanque montado ao lado das intervenções, ele reservou boa parte de seu discurso para elogiar Dilma,

mais uma vez chamada de “mãe do PAC”, e defender a peregrinação que tem feito por todo o Brasil para acompanhar e inaugurar as obras do programa.

“É com muito orgulho que vou continuar andando por este país. A oposição diz que faço campanha, mas não tem campanha nenhuma, não sou candidato. O que eles querem é que eu fique dentro do gabinete, enquanto eles ficam fazendo discurso contra mim. Entre eles e abraçar o povo, eu vou para rua abraçar o povo, prestar contas do que faço”, discursou, procurando desvincular o programa de questões políticas. De acordo com o presidente, “o PAC só funciona porque esta mulher (a ministra Dilma) certamente toma mais conta do programa do que da filha dela”. A ministra tem uma única filha, Paula, que se casa hoje, em Porto Alegre.

Lula disse ainda que o principal objetivo do PAC é fazer uma “reparação histórica” aos pobres do Brasil, o que, segundo ele, desagrada muita gente que preferia

que esses recursos fossem investidos em outras finalidades. O presidente passou boa parte da solenidade vestindo a mesma blusa de brim vermelho com as logomarcas do PAC, do governo federal e da Prefeitura de Belo Horizonte.

Acusada pela oposição de ter montado um dossiê com os gastos do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e da ex-primeira dama, Ruth Cardoso, para pressionar a oposição na CPI dos Cartões Corporativos, Dilma também foi elogiada por todos os que discursaram ontem — entre eles o vice-presidente da República, José Alencar (PRB), e o prefeito de Belo Horizonte, Fernando Pimentel (PT). Para Pimentel, Dilma é vítima dos “ventos da calúnia e da maré de intrigas”. “Ela (Dilma) é uma guerreira, um orgulho e exemplo para as gerações que vêm depois”, afirmou o prefeito. José Alencar também destacou a performance da ministra na condução do PAC e disse que ela é uma “mulher extraordinária”.

Torcicolo

Durante o evento, o presidente desapareceu do palanque por 20 minutos. Lula sentiu dores no pescoço e se retirou do palanque para colocar um colar cervical. “Eu não sei se foi porque estou ouvindo muito discurso, se foi pelo aumento dos juros, não sei se foi por causa do massacre que o Corinthians recebeu do Goiás ou do Cruzeiro, que levou lavada na Bolívia. Sei que acordei com essa dor no pescoço. Acho que tudo isso junto me deu esse torcicolo”, disse Lula. Na quarta-feira, o Comitê de Política Monetária (Copom) elevou a taxa básica de juros em 0,5 ponto percentual, índice bem acima do esperado. No mesmo dia, o Corinthians perdeu por 3 a 1 para o Goiás, pela Copa do Brasil, e o Cruzeiro, por 5 a 1, para o time boliviano Real Potosi, pela Copa Libertadores. Lula disse que ainda por cima foi alvo de brincadeira da primeira-dama. “Como é que pode alguém que não tem pescoço ter dor no pescoço?”, teria dito dona Marisa Letícia, segundo o presidente.

Beto Magalhães/EM



LULA COM PROTETOR NO PESCOÇO EM MINAS: “A OPÇÃO DIZ QUE FAÇO CAMPANHA, MAS NÃO TEM CAMPANHA NENHUMA, NÃO SOU CANDIDATO”

Presidente: “Agora é época de eleição”

LEONARDO AUGUSTO
DO ESTADO DE MINAS

O programa de Aceleração do Crescimento (PAC) não tem como objetivo apenas transformar o país em um canteiro de obras, como afirma o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O governo federal quer usar as obras do programa para eleger o maior número de candidatos do PT e de partidos aliados na disputa municipal em outubro. Se a ministra Dilma Rousseff foi a primeira a escorregar no discurso e

chamar de comício o ato realizado em Belo Horizonte, a segunda meta do PAC ficou evidente também no discurso do presidente em Ribeirão das Neves, na Grande Belo Horizonte, onde Lula assinou ontem ordens de serviço no valor total de R\$ 520,8 milhões.

“Agora é época de eleição. Vocês têm de saber quem está com vocês há muito tempo e quem apareceu de última hora”, afirmou, em pronunciamento para público estimado pela Polícia Militar em 5 mil pessoas.

Antes, o presidente avisou: “O governo tem R\$ 28 bilhões para investir em obras do PAC no estado até 2010”.

O palanque de Lula em Neves, além do vice-presidente da República, José Alencar, e da ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, reuniu os prefeitos das oito cidades que receberão obras do PAC autorizadas ontem pelo governo federal. Todas as intervenções são nos setores de saneamento básico e habitação em áreas carentes. “Pobre é barato”, discursou Lula. “Rico não precisa de dinheiro. O Alencar não precisa. Eu não preciso. Quem está aqui (no palanque) não precisa. Quem precisa é o povo”, disse, em outro trecho do discurso.

Durante o pronunciamento, o presidente prometeu ainda a

construção de uma escola técnica em Ribeirão das Neves. “Vou pedir à minha assessoria para anotar minha promessa, porque eu preciso convencer o ministro da Educação (Paulo Haddad). Convencer não. Vou mandar fazer”, disse. Ao longo do pronunciamento, o presidente ouviu gritos de “Lula, guerreiro do povo brasileiro” e o tradicional “olé,olé,olé,olé, Lula, Lula”.

Antes do presidente, José Alencar deu o tom do que estava por vir: “Vou falar pouco, porque todos estamos aqui para ouvir o Lula”. O vice lembrou que Lula é o segundo presidente a visitar Ribeirão das Neves. “O primeiro foi Getúlio Vargas, em 1935”, disse. “Os adversários criticam isso, mas nunca houve alguém (como Lula) que cuidasse tanto dos menos favorecidos”, afirmou o vice.

Esquema de segurança

Ribeirão das Neves, um dos municípios mais pobres e violentos da Grande Belo Horizonte, recebeu um megasquema de segurança para receber o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O Exército enviou 300 soldados, a maioria do 12º Batalhão, de Belo Horizonte, que

circulavam à paisana entre as pessoas que foram ao bairro Sevilha B ver o presidente. A informação partiu de motoristas que transportaram os militares. Nas proximidades do palanque, estavam oito viaturas da Polícia Militar, uma do Grupamento de Ações Táticas Especiais (Gate) e quatro da Polícia Civil, além de um caminhão do Corpo de Bombeiros. Quatro ambulâncias do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) também estavam na região. (LA)



e-mail alon.feuerwerker@correioweb.com.br



Insegurança nacional

O presidente da República quis desqualificar as conclusões de um relatório da ONU que critica os biocombustíveis. O principal argumento retórico do chefe do governo é que não dá para um sujeito ficar sentado confortavelmente na Suíça e querer discorrer sobre realidades distantes, geograficamente falando.

Bingo! Se a regra vale o para o suíço Jean Ziegler, vale também para o hoje brasileiro (por adoção) Luiz Inácio Lula da Silva. Não sei se Ziegler já esteve pessoalmente em algum dos cenários planetários nos quais se desenvolve a indústria do etanol. Mas tenho certeza de que Lula jamais pegou o avião da Presidência para dar uma passadinha em Roraima, onde o governo federal tenta a todo custo, contra tudo e contra todos, aplicar políticas que não resistem a qualquer análise que se guie em primeiro lugar pelo interesse nacional.

O paralelismo evidência que a fala de Lula sobre Jean Ziegler foi imprudente. A força política do presidente e a extrema fraqueza dos adversários começam a empurrar o ex-metalúrgico para aquela zona de risco político que costuma sugar governantes quando o céu parece todinho de brigadeiro. Pelo visto, o chefe e a equipe acreditam que hoje em dia podem dizer e fazer o que quiserem, que nada de ruim lhes acontecerá.

Vejam por exemplo o caso do dossiê palaciano com informações supostamente constrangedoras contra o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. O spinning oficial trabalha para emplacar que o episódio tem sido ótimo para a ministra Dilma Rousseff, que colou sua imagem à de Lula e, segundo o Planalto, subiu nas pesquisas.

É até possível que ela tenha conseguido uns pontinhos. E daí? Por esse critério, então, o governo brasileiro deveria ter apoiado firmemente o ataque militar colombiano contra as Farc no Equador, em que morreu um dos principais dirigentes da guerrilha. A ação elevou a popularidade do presidente da Colômbia, Álvaro Uribe, a cerca de 85%, número que deixa na poeira qualquer das estatísticas mais caras a Lula.

Governar não é apenas guiar-se por pesquisas. A política feita apenas em função da popularidade imediata costuma pregar peças. No caso do dossiê, a propósito, aguardam-se as conclusões da investigação da Polícia Federal.

Mas voltemos a Jean Ziegler. Trata-se de um intelectual e militante de cujos escritos a esquerda e o PT bebem há décadas. Agora que o PT e Lula decidiram caminhar de mãos dadas com a agroindústria do biocombustível, sem nenhuma sutileza passam a desqualificar os amigos de ontem.

Aos argumentos, presidente. Até hoje Lula não explicou por que seu programa de distribuição de terras é um fracasso, já que, segundo ele, estão sobrando para a cana-de-açúcar áreas agricultáveis e hoje improdutivas. Talvez uma pista para a resposta esteja na troca de base social. Saem os movimentos sociais no campo e entra o moderno latifúndio monocultor. E o governo recusa-se a atualizar os índices de produtividade para efeito de desapropriação com vistas à reforma agrária. A tragédia se completa quando a essa inflexão soma-se a absoluta falta de uma estratégia nacional de expansão ordenada da fronteira agrícola.

O mesmo Lula que se enche de bríos nacionalistas para contestar um crítico como Jean Ziegler é incapaz de colocar sua liderança política a serviço de uma solução negociada para o conflito da Raposa/Serra do Sol. Prefere orientar-se apenas por referências externas. Qual é o foco da pressão internacional? Criar uma zona-tampão nas nossas fronteiras, controlada pelos povos indígenas. A quem, no momento de vídeo, dar-se-á o necessário apoio para que se levantem em defesa da autonomia. Como em Kosovo. Como no Tibete. Como em Santa Cruz de la Sierra.

E o pior é que esse discurso encontra eco legitimador dentro do governo, para quem as fronteiras brasileiras estarão mais seguras se ficarem sob cuidado dos povos indígenas e não das Forças Armadas. É o antimitarismo a serviço do antipatriotismo.

De cima do salto alto, o presidente e sua equipe recusam-se a abrir um diálogo construtivo com a sociedade brasileira, com as Forças Armadas e com o Judiciário sobre a Raposa/Serra do Sol. Tratam o assunto como se a luta dos brasileiros de Roraima em defesa de seus direitos fosse uma ameaça à segurança nacional. A que ponto chegamos. A segurança nacional invocada para atentar contra ela própria.

A HISTÓRIA DE BRASÍLIA

* Brasil, Capital Brasília

* A Epopéia da Construção

* Os Pioneiros de Brasília

* A Mudança da Capital

* O Homem e a Cidade



* As Cidades-Satélites

* Memorial JK

* Memorial Chateaubriand

* Memorial Edilson Varela

* A Maçonaria em Brasília

PEDIDOS pelos fones (61) 3036-7822 / 3034-7822 / 8161-1633
E-mail: adirson@bol.com.br / Site: www.adirsonvasconcelos.com.br
SCLN 408 Bloco A Loja SS-50 / CEP 70.856-510 – Brasília – DF.

50 Anos de Adirson Vasconcelos Escrevendo Brasília